

PAIVA, Anselmo Chagas de. *A celebração da Santa Missa*. Rio Bonito: Benedictus, 2023.

VANDERLEI DE LIMA*

“A celebração da Santa Missa”

Este é o título da obra de Dom Anselmo Chagas de Paiva, OSB, monge sacerdote do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (RJ), sábio canonista e profícuo escritor.

Ainda que reconhecamos não ser um tema novo, pois outros autores já o trataram (cf. Pe. Luiz Cechinato. *A missa parte por parte*, da Vozes, que, em 2015, chegou à 47ª edição, e Pe. Bruno Rossi e este irmão, na segunda parte da obra *Dominus vobiscum*, de São Pedro Damiano, da Cultor de Livros, em 2023, por exemplo), Dom Anselmo tem um modo especial de ensinar. Daí, vivamente recomendamos mais este seu oportuno livro. Dito isso, passemos a alguns trechos da obra do monge canonista ora apresentado.

Sobre as vestes sacerdotais: Na administração dos sacramentos, o

ministro sacro deve estar devidamente paramentado, pois age *in persona Christi* [na pessoa de Cristo]. “Nos sagrados mistérios, ele não representa a si mesmo e não fala expressando-se a si mesmo, mas fala pelo Outro, por Cristo. [...] Este ato de ‘revestir-se de Cristo’, é representado sempre de novo em cada Santa Missa mediante o revestir-se dos paramentos litúrgicos. Vesti-los deve significar para cada sacerdote mais que um fato exterior: é entrar sempre de novo no ‘sim’ do encargo naquele ‘já não sou eu’ do batismo que a Ordenação sacerdotal dá de modo novo e ao mesmo tempo pede. O fato de um sacerdote estar no altar vestido com os paramentos litúrgicos deve tornar claramente visível aos presentes e a ele próprio que a sua presença ali indica estar ‘na

* Ir. Vanderlei de Lima é eremita de Charles de Foucauld na Diocese de Limeira, SP. Graduado em Filosofia pela PUC-Campinas. Especialista em Psicopedagogia (Unifia-Amparo) e em Teologia (Iniassu, Nova Iguaçu). Contato: toppaz1@gmail.com

pessoa do Outro'. As vestes sacerdotais, assim como se desenvolveram ao longo do tempo, são uma profunda expressão simbólica do que significa o sacerdócio" (p. 17-18). Tais vestes são descritas com detalhes, no mesmo livro, nas páginas 19-26.

Sobre a Liturgia da Palavra: A nossa Liturgia da Palavra católica foi estruturada a partir do modelo existente na sinagoga dos judeus. Os cristãos lhe apuseram "somente o Evangelho como terceira leitura, inicialmente um relato oral que, posteriormente, foi fixado por escrito" (p. 53). Em um tempo de certas homilias longas, fora da liturgia do dia etc., Dom Anselmo anota o seguinte: "Para alguns especialistas, a estrutura de uma homilia deve obedecer o seguinte caminho: Primeiro o pregador deve ter uma introdução ou exórdio, com o propósito de conduzir os ouvintes ao tema que será exposto. Ele deve estimular o interesse e a atenção, para que a homilia seja bem acolhida. Depois o sacerdote desenvolve o corpo ou a exposição da homilia. Esta é a parte mais importante, e, muitas vezes, divide-se em várias sessões onde se desenvolve em aspectos específicos de um único tema, formando uma unidade. Evidentemente, a preparação da homilia exige um tempo suficiente para fazer uma verdadeira leitura do texto, em um clima orante, para descobrir seu sentido original, mediante uma meditação pessoal do texto sagrado" (p. 74).

Lembremo-nos de que o mesmo autor tem um livro reunindo suas homilias. Intitula-se *As razões da nossa esperança: análise e reflexões sobre as leituras dominicais (anos A, B e C)*, Benedictus, 2021, 854 p., e segue o que ele mesmo sugere a outros clérigos na sua obra sobre a Missa, ora em comentário. Importa, por concatenação de ideias, recordar, no que diz respeito ao tempo das homilias propriamente ditas as insistentes palavras do Papa Francisco a alertar: "A homilia, o comentário que o celebrante faz, deve ajudar a transferir a Palavra de Deus do livro para a vida. Por isso, a homilia há de ser breve: uma imagem, um pensamento e um sentimento. A homilia não deve durar mais de oito minutos, porque depois, com o tempo, perde-se a atenção e as pessoas adormecem, e com razão. A homilia deve ser assim. E é isto que quero dizer aos sacerdotes, que tantas vezes falam muito, e não se entende o que dizem. Homilia breve: um pensamento, um sentimento e uma pista para a ação, para o modo de agir. Não mais de oito minutos. Pois a homilia deve ajudar a transferir a Palavra de Deus do livro para a vida. E entre as numerosas palavras de Deus que ouvimos todos os dias na Missa ou na Liturgia das horas, há sempre uma destinada em particular a nós. Algo que toca o coração! Acolhida no coração, pode iluminar o nosso dia, animar a nossa oração. Trata-se de não a deixar cair no

vazio!” (*Audiência Geral*, 12/06/2024). Seis anos antes, o mesmo Pontífice advertia: “Por favor, que a homilia seja curta, mas bem preparada. E como se prepara uma homilia, caros sacerdotes, diáconos, bispos? Como se prepara? Com a oração, com o estudo da Palavra de Deus e fazendo uma síntese clara e breve, não deve superar 10 minutos, por favor!” (*Audiência Geral*, 07/02/2018).

Sobre as formas de comungar: Escreve o monge sacerdote que “cabe ao fiel a liberdade de escolher o modo que mais lhe convêm na sua trajetória espiritual e na sua percepção religiosa. Parece abusivo que sacerdotes imponham uma ou outra maneira como se fossem os donos da interioridade das pessoas. Nada melhor que o respeito e a liberdade” (p. 150). Este é um ponto que, com frequência, gera polêmicas, mas Dom Anselmo, como se vê, o enfrenta com palavras suaves, porém firmes. Está correto, uma vez que a Instrução *Redemptionis Sacramentum*, da Congregação para a Doutrina da Fé, publicada em 2004 e em vigor, diz, nos números 90-92, o que segue: “Os fiéis comunguem de joelhos ou de pé, de acordo com o que estabelece a Conferência de Bispos, com a confirmação da Sé apostólica. Quando comungarem de pé, recomenda-se fazer, antes de receber o Sacramento, a devida reverência, que devem estabelecer as mesmas normas. Na distribuição da sagrada

Comunhão, se deve recordar que os ministros sagrados não podem negar os sacramentos a quem os pedem de modo oportuno, e estejam bem dispostos e que não lhes seja proibido o direito de receber. Por conseguinte, qualquer batizado católico, a quem o direito não o proíba, deve ser admitido à sagrada Comunhão. Assim pois, não é lícito negar a sagrada Comunhão a um fiel, por exemplo, só pelo fato de querer receber a Eucaristia ajoelhado ou de pé. Todo fiel tem sempre direito a escolher se deseja receber a sagrada Comunhão na boca ou se, o que vai comungar, quer receber na mão o Sacramento. Nos lugares onde Conferência de Bispos o haja permitido, com a confirmação da Sé apostólica, deve-se lhe administrar a sagrada hóstia. Sem dúvida, ponha-se especial cuidado em que o comungante consuma imediatamente a hóstia, na frente do ministro, e ninguém se desloque (retorne) tendo na mão as espécies eucarísticas. Se existe perigo de profanação, não se distribua aos fiéis a Comunhão na mão”.

Outros pontos: Seria impossível apontar, aqui, todas as preciosidades litúrgicas e teológicas da obra. Importa, no entanto, notar que: a homilia é sempre função do ministro ordenado (bispo, padre ou diácono), não mera partilha comunitária (cf. p. 76); o *Orate fratres* (Orai irmãos...) é rezado em pé, não sentado (cf. p. 116); no Pai-Nosso, os fiéis leigos e eventuais diáconos presentes não deveriam

abrir ou elevar as mãos. Este gesto é próprio do presidente da Celebração e dos concelebrantes (cf. p. 141); no Ato Penitencial da Missa, os fiéis podem, se quiserem, se ajoelhar (p. 52). Por sugestão, indicariamos um maior uso de vírgulas em certas ocorrências de adjuntos adverbiais e, na página 116, a colocação do verbo unir (“une-se”) no plural.

O livro em foco, com seu estilo fiel ao Magistério da Igreja, ajuda, sem dúvida, a colocar em prática o que o Papa Francisco diz no número 54 da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (2022): “Se é verdade que a *ars celebrandi* [arte de celebrar] diz respeito a toda a assembleia que celebra, é igualmente verdade que os ministros ordenados a devem cuidar com especial cuidado. Ao visitar as comunidades cristãs reparei, muitas vezes, que o seu modo de viver a celebração está condicionado – para o bem e, infelizmente, também para o mal – pelo modo como o seu pároco preside à assembleia. Poderia dizer-se que há diversos ‘modelos’ de presidência. Eis uma possível

lista de atitudes que, embora sendo opostos entre si, caracterizam a presidência de modo certamente inadequado: rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; precipitação apressada ou lentidão acentuada; descuido negligente ou excessiva minúcia; excessiva afabilidade ou impassibilidade hierática. Apesar da variedade desta amostra, penso que a inadequação destes modelos de presidência tem uma raiz comum: um personalismo exacerbado do estilo celebrativo que, por vezes, manifesta uma mal disfarçada mania de protagonismo. Isto torna-se ainda mais evidente quando as nossas celebrações são transmitidas em rede, o que nem sempre é oportuno e sobre o qual devemos refletir. Entendamos: não são estas as atitudes mais frequentes, mas não é raro que as assembleias sofram estes ‘maus tratos’”.

Só nos resta parabenizar Dom Anselmo e a Editora Benedictus por mais esta obra a auxiliar imensamente a formação do povo de Deus no que toca à Santa Missa.

Resenha recebida em 15/07/2024 e aprovada para publicação em 22/08/2024